

ENTRE A RESISTÊNCIA E A SUBMISSÃO À NORMA: O DISCURSO DE E SOBRE O GÊNERO TRANS

Frederico Sidney Guimarães – fredsid@bol.com.br

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; <http://orcid.org/0000-0001-5789-3717>

RESUMO: Esse trabalho propõe a reflexão sobre os efeitos de sentidos, entendidos como discursos, que constituem os sujeitos em seus dilemas de afirmações identitárias. Esses dilemas são relacionados às questões de gênero a partir daquilo que se entende ser a violência do outro quando este nega condição de existência dos sujeitos em questão. O objetivo é refletir sobre o funcionamento dos sentidos nos discursos que constituem os sujeitos que se definem com base num paradigma de subversão e submissão, a partir dos imaginários dos cisgêneros sobre o transgêneros que afetam a constituição dos próprios transgêneros como sujeitos. A partir desse objetivo, desenvolve-se uma proposta para pensar a teoria como um discurso e como suas construções conceituais se relacionam com práticas performativas dos sujeitos em um processo de resistência e submissão às normas sociais de gêneros predominantes. Com aporte teórico da Análise do Discurso desenvolvido inicialmente por Michel Pêcheux na França e por Eni Orlandi no Brasil, o artigo faz uma análise a partir de recortes de discussões selecionadas na rede social *facebook*. Na análise do corpus, procura-se compreender o posicionamento discursivo de um perfil transexual nesse esquema de resistência a uma norma ao mesmo tempo em que se submete a essa norma no próprio funcionamento dos efeitos de sentidos que constituem os sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: teoria de gênero; análise do discurso; imaginários; sujeitos.

*Inocência
Desprotege
Não vê, não percebe
Descobre-se estranho
Pelo outro
E dói
Ver em outros olhos
Sua caricatura
Quem entenderia
Também loucura
Acreditar ser
O que realmente se quer ser
Não lbe o que está (im)posto
Pois, se desperta desgosto
Melhor
Pois sigo do lado oposto
Virgínia Guitzel*

1 INTRODUÇÃO

Violência e resistência: duas palavras que podem ser associadas a relações de poder. Relações essas não baseadas somente na exploração ou submissão de um grupo a outros, como as clássicas relações de trabalho entre classes sociais, mas as relações entre grupos em que um grupo força uma certeza imaginária sobre um outro grupo. Neste caso, a temática

deste texto está inserida na noção de como um sujeito transexual se torna sujeito nessa combinação de violência com resistência. Trata-se da divergência entre trans e cisgêneros¹, em que os cisgêneros jogam com os sentidos de definições do próprio conceito de gênero e as formas como tais gêneros deveriam se comportar.

Nessa relação de poder, o objetivo geral do texto é analisar como o imaginário do cisgênero sobre o transgênero afetaria a própria forma do transgênero se definir e se comportar (uma performance), num misto de resistência e submissão ao imaginário do cisgênero. Com isso, procura-se compreender como imaginários sobre o feminino e a transexualidade produzem uma violência permeada pelos sentidos concernentes a noções do que seria mulher e seu lugar nas transformações das práticas sociais. Principalmente quando essas práticas violentas são enquadradas no binarismo do gênero masculino e feminino a partir do essencialismo fenomenológico da biologia que define o corpo feminino².

Imaginários, neste texto, serão entendidos como certezas sustentadas pela ideologia e afetadas pelo inconsciente. Desta forma, tem-se como base teórica-conceitual a Análise do Discurso desenvolvida inicialmente por Michel Pêcheux (2010[1969]) na França e Eni Orlandi (1999) no Brasil. Considera-se, então, o discurso como efeitos de sentidos entre sujeitos interpelados pela ideologia (a certeza) e afetados pelo inconsciente (o equívoco). Não se tratam de verdades, nem de escolhas, mas do funcionamento do imaginário constituindo sujeitos a partir da reação às normas de gêneros configuradas no binarismo masculino/feminino baseado em uma suposta fenomenologia biológica.

Como análise, tem-se um sujeito *trans* que expõe suas posições em seu perfil nas redes sociais. Nessa exposição, as marcas de uma violência discursiva e normativa que determina o seu ser, seja pela afirmação do que ele (o ser) seria, seja na afirmação de como esse ser deveria ser (ou não ser). Sujeito, nesse caso, entendido como aquele que se constitui no discurso, ao falar e se posicionar sustentado numa certeza motivada pela ideologia e equivocado pelo inconsciente (PÊCHEUX, 1995[1975]).

Para tanto, indaga-se como a construção da noção de gênero constitui os sujeitos nos discursos, de acordo com suas posições identitárias na questão da afirmação da mulher e da transexual. Nessa constituição, será possível ressaltar o poder de violência que há quando se

¹ Cisgênero é o termo referente ao sujeito que aceita a designação sexual dada ao nascer, e o transgênero seria o sujeito que não aceita tal designação.

² A partir da noção da constituição do gênero com base no corpo biologicamente identificado como feminino no momento de seu nascimento. Entendido como um fenômeno, cujas vicissitudes estão isentas de inserções circunstanciais que alterariam essa noção da essência do corpo biológico.

nega a um sujeito sua definição de gênero, que, como será analisado, é pautada na imposição de um padrão (ser mulher) a partir do qual se pressupõe a própria superação (ser mulher-trans).

Tem-se em mente que o sujeito se afirma num gênero pautado num padrão, mas ele se constitui por meio da subversão desse padrão. Em termos presumivelmente empíricos, seria a mulher trans (MtF)³ que se afirma no gênero feminino pautada na imposição do que é ser mulher nos mesmos moldes do padrão que nega à própria trans sua identidade de ser mulher. A mulher trans subverteria a noção de mulher ao mesmo tempo em que reafirma um padrão de comportamento do que seria uma mulher. É o “tornar-se mulher”⁴ (BEAUVOIR, 1949) submetida ao padrão do corpo normativo feminino, mas subvertendo a lógica do feminino a partir da transsexualidade.

É o descobrir-se estranho pelo outro, conforme dito no poema introdutório. O descobrir que produz dor, trauma, na caricatura de uma imagem. No jogo do gosto e do imposto, o poeta diz seguir o lado oposto (será?).

Do objeto geral da compreensão do funcionamento do imaginário entre o cisgênero e o transgênero, destacam-se dois objetivos específicos. O primeiro é refletir sobre o funcionamento dos sentidos nos discursos que constituem os sujeitos que se definem com base num paradigma de subversão e submissão, ao mesmo tempo, a uma norma de gênero dominante. O segundo é analisar como o discurso desses sujeitos subversivos e submissos circula, através de uma repercussão discursiva, três processos discursivos: a) da militância política que pressupõem a flexibilização do conceito de gênero a partir de discussões teóricas e filosóficas; b) da militância por direitos civis de grupos cuja sexualidade escapa à norma heterossexual; e c) das resistências, por parte dos sujeitos identificados no essencialismo fenomenológico do corpo feminino, ao reconhecimento da definição de mulher a partir de sua constituição psíquica e não corporal.

No que concerne a aspectos metodológicos, a seleção dos enunciados se deu a partir de discussões em perfis da rede social *facebook*, no que diz respeito à questão da militância política de sujeitos que se constituem na exposição de suas posições de apoio, de revolta, de negação e de afirmação relacionadas à transexualidade. Tais discussões dialogam com a questão de direitos civis e apoio de causas por organizações políticas, pois são questões que

³ Homem para mulher – “male to female”.

⁴ Uma alusão ao enunciado de Simone de Beauvoir: não se nasce mulher, tornar-se mulher.

interpelam atores representativos dos poderes capazes de alterar códigos civis e permissões cartoriais.

O perfil em questão é de uma transexual que expõe constantes problemas com aqueles que não aceitam sua afirmação de ser mulher. Suas postagens são um exemplo de como os discursos sobre as questões de gênero demonstram tipos de violências originárias pelas certezas sustentadas por correntes políticas que já lutam, elas mesmas, pelos direitos das mulheres.

Em uma de suas enunciações, ela se questiona sobre a possibilidade de possuir a culpa de performar os estereótipos daquilo que seria reconhecido como feminino. Através desse enunciado, a análise caminha para a conjuntura dessa dúvida, construída a partir de normas baseadas em certezas ideológicas, conceitos teóricos e práticas sociais. O contexto desse enunciado pode ser exposto da seguinte forma: a hormonização do corpo e os imaginários que negam ou afirmam o que seria uma mulher. Mesclam-se medicina, política, teoria, senso comum e uma infinidade de fatores que marcam o corpo, violentam o sujeito e fragilizam a cidadania.

Os enunciados a serem analisados são considerados como recortes (ORLANDI, 1981) realizados a partir de postagens e textos ligados ao tema em questão. Cada recorte, na sequência em que é apresentado neste artigo, será numerado como uma Sequência Discursiva (SD), que segue um fio condutor da construção dos sentidos através do desenvolvimento da análise. Quando uma das Sequências Discursivas for recitada, ela será numerada de acordo com a ordem que segue a apresentação das SDs, pois ela estaria fazendo parte de um outro ponto de análise.

A autoria dos enunciados não foi exposta. Por conta da razão ética de não expor as personagens envolvidas como também por não condizer com a teoria do discurso o pertencimento de fala, pois o pressuposto é de que o sujeito é construído pelo discurso no momento de sua enunciação. A página online “feminismo radical didático”, também do *facebook*, é o local onde estão as publicações que motivam parte das postagens no perfil da trans de onde foram selecionados os enunciados para a análise nesse texto. Será inserida ao final do texto uma figura com a imagem das postagens de onde foram feitos os recortes analisados (ver figura 01).

Ressalta-se que não houve preocupação com a veracidade das informações dos enunciados recortados, pois o interesse da análise se concentra tanto nos efeitos de sentidos

como também na circularidade de discursos que mobilizam certezas, causam violência (a negação, o trauma) e geram resistência.

Essa análise se justifica por contribuir com a reflexão sobre o funcionamento dos sentidos nos discursos envolvendo as questões de definição de gênero e definições de sujeitos. Uma outra justificativa seria a importância em refletir como os (des)entendimentos e replicações de conceitos teóricos, que criam certezas dos significados de palavras (conceitos), afetam materialmente o corpo e a fala dos sujeitos constituídos nessas condições de produção discursivas. Ou seja, trata-se da premissa de considerar a teoria com seus próprios efeitos de sentidos constituindo sujeitos.

No primeiro momento, refletimos sobre os conceitos de discurso e sua relação com o conceito de performatividade de gênero. Em seguida, apontamos a conjuntura histórica que permeia a condição de produção do discurso militante em defesa dos homossexuais e dos transexuais, para, por fim, analisarmos as condições discursivas que constituem sujeitos nesse momento de marcação de posições de gênero e as resistências (tanto a favor como contra a norma) percebidas pelos efeitos de significação e de expressão por enunciados.

2 O DISCURSO E O PERFORMATIVO: A TEORIA COMO DISCURSO

A partir do aporte teórico da Análise do Discurso, o Gênero é entendido como um efeito de sentido, um discurso, disputado em paradigmas teóricos que criam certezas, seja: na psiquiatria pela definição do que seria o trans; seja na medicina através da transformação do corpo; seja na psicanálise na constituição do sujeito; e, por fim, seja na filosofia/sociologia na reflexão sobre o conceito de gênero. A partir da leitura da produção teórica como um discurso, efeitos de sentidos destacam-se como as certezas criadas pelos imaginários sobre as trans e sobre a mulher. Tais efeitos são repercutidos em enunciados de sujeitos envolvidos e constituídos nesse jogo de sentidos.

O efeito de um sentido se constituiria como um saber e estabelece, nas relações do sujeito com a exterioridade e anterioridade, o pensável. Nas palavras de Pêcheux, que propõe uma reflexão do funcionamento das representações e do pensamento nos processos discursivos, é possível uma compreensão do pensável como determinado pelo exterior e pelo anterior. Desta forma, supõe-se a relação do sujeito com o que o representa, e, com isso, tem-se uma “teoria da identificação e da eficácia material do imaginário” (PÊCHEUX, 1995[1975], p. 125).

O aporte teórico dos conceitos da Análise do Discurso é o que motiva a leitura do conceito de gênero como um discurso. A abordagem dos conceitos da teoria da Análise do Discurso com os conceitos da teoria de Gênero, principalmente a partir de Butler (1990), não ocorre sem contradições, até mesmo por conta dos objetivos dessas teorias suscitarem divergências. Tais divergências, lendo Baldini (2017), se encontram, por exemplo, no diferente posicionamento da resistência em Pêcheux. Tem-se por um lado a resistência em que a intencionalidade é recusada, e, por outro lado, a resistência em Butler que, apesar de recusar a intencionalidade, pressupõe uma teoria desafiadora do normativo de gênero.

Como não se propõe nesse artigo aprofundar as divergências teóricas, os conceitos da Análise do Discurso não se direcionam à compreensão do conceito gênero, mas sim à forma como o sentido de gênero adquire contornos materialistas a partir do imaginário do sujeito no processo discursivo.

Entende-se, dessa forma, que os enunciados formulados geram questões por conta de seus efeitos de sentidos terem um caráter materialista, ou seja, dar corpo, afetar, contradizer. A materialidade do sentido ocorre em sua certeza estar não só formulada na língua, como também caracterizada no corpo e naquilo que o sujeito sente:

SD1: Certos tipos de ativismos cis vivem acusando, humilhando, apontando e deslegitimando mulheres trans o tempo inteiro, como se tivéssemos culpa por performar esses tais estereótipos ditos femininos pela sociedade (Enunciado recortado do perfil de uma militante trans na sua rede social *facebook* em 05/03/2017, grifos nosso).

O humilhar se associa ao performar e ao estereótipo que é dito por uma outra instância que não a do enunciador da SD1. Essa associação afetaria a construção da certeza de si no sujeito enunciador e a configuração do corpo desse sujeito em formas e gestos (nesse caso a partir da norma dita feminina). Constitui-se no enunciado o jogo de significados exposto na contradição entre o dizer e ser dito, entre ser revoltado ao mesmo tempo em que é submetido. Isso indica a tensão constante presente na relação do indivíduo⁵ com o seu meio. O trans é um gênero revolucionário na questão da norma binária mulher / homem, mas também é o gênero que demonstra o contraditório da identificação dos gêneros em relação aos estereótipos dessa norma binária, ao reafirmar esses mesmos estereótipos.

No caso desse enunciado, temos a circulação a partir de uma repercussão discursiva (GUIMARÃES, 2018) do termo “performar”, associado nesse caso à realização de um ato,

⁵ O uso do termo indivíduo se refere ao corpo, ao ser biológico presente em um meio. Ainda não se coloca em questão o conceito de “sujeito”.

uma constituição de um ser em forma de algum tipo de gênero. Enquanto o circular é entendido já na formulação, já inserido num processo discursivo, a repercussão é entendida no momento da constituição. Segundo Orlandi (2012), há três momentos do processo de produção do discurso: a constituição, a formulação e a circulação. A repercussão estaria presente na constituição a partir da memória do dizer. Não seria a mera repetição ou circulação de uma palavra já dita, e sim uma afetação, uma marcação do significante e não exatamente do significado circulado. Isso quer dizer, por exemplo, que o significante *performar* formulado na Sequência Discursiva 1 não é uma citação a Butler, mas uma repercussão de como tal significante representa o sujeito enunciativo para outro significante, constituindo esse sujeito no discurso. O sujeito, ao formular o *performar*, é entendido como não conceituando o ato performativo, mas como uma insistência de um sentido cuja origem do significado não é mapeada, mas permanece representando o sujeito que o enuncia.

Abre-se margem, portanto, para compreender uma repercussão discursiva da militância política a partir da afirmação da condição do transexual e sua resistência para superar a norma binária que estipula a definição do masculino e do feminino através daquilo denominado *performativo*. Isso não seria um processo racional em que a palavra (conceito), tida como importante para a teoria de Gênero, teria sido inserida na formulação da SD1, para refletir sobre uma significação conceitual. A inserção dessa palavra é entendida como constituindo o posicionamento do sujeito no discurso. A repercussão, nesse caso, é a constituição do sujeito e da formulação, em que o efeito da instância anterior ao dito atua tanto na certeza da ideologia como na afetação do inconsciente.

Porém, não se pode negar que “performar” é um termo encontrado nas teorizações sobre a teoria de gênero de Butler (1990). É a partir desse termo que iniciamos a reflexão entre a teoria e o discurso, pois o efeito do sentido teórico não deixou de afetar a constituição do sujeito transexual em questão. Não no sentido de que o sujeito circulou o termo como um conceito. Entende-se que o significante permitiu esse sujeito se afetar e se constituir a partir dessa repercussão discursiva em que o “performar” representa o sujeito para outros significantes como o feminino, o cis e o trans. Esses significantes, que longe de terem um significado fixo e consensual, estão circulando e repercutindo nos processos discursivos sobre a transexualidade.

O que está em questão é a repercussão do termo que também é um conceito teórico. Misturam-se, nesse caso, as significações de uma militância política de afirmação identitária de gênero com uma teoria que reflete sobre as identidades de gênero. A coincidência da

utilização dos termos não pode ser deixada de lado quando se leva em consideração que a teoria também é uma forma de discursivizar termos e certezas que permitem a constituição dos sujeitos em seus discursos. Assim que o objetivo desse artigo é exposto ao refletir sobre o funcionamento dos sentidos nos discursos que constituem os sujeitos numa subversão a norma, e como esses sujeitos repercutem sentidos do discurso teórico sobre o gênero.

A repercussão do termo “performar”, associado a um entendimento dos modos de agir e de falar capazes de gerar uma identificação a um gênero, tem a ver com o conceito de *performatividade* (BUTLER, 1990). A trans, ao contestar um enunciado sobre aquilo que a define, não deixa de estar dentro de um ato performativo, cumprindo de alguma maneira seu papel no jogo social. A noção da performatividade se torna pertinente pelo seu sentido estar inserido no jogo de significações nos discursos em questão (político e teórico).

O conceito foi criado no contexto de crítica das ações políticas de feministas e também crítica ao modelo de ver o gênero como algo puramente construído. A performatividade se efetiva entre a noção essencial e a noção construcionista do gênero. Nega-se tanto o essencialismo como o construcionismo. O essencialismo pode ser entendido como uma naturalização do gênero e seus comportamentos, como associar a transexualidade naturalmente a prostituição e a patologias clínicas. Por outro lado, o construcionismo pode ser entendido como um aporte que permite analisar o sujeito somente pelo efeito cultural, excluindo, portanto, a própria materialidade do corpo.

Enquanto a teoria do gênero traz a questão do papel da normatividade social na ação do indivíduo, a teoria do discurso auxilia no resgate do materialismo dos processos semântico-discursivos como instâncias constitutivas dos sujeitos. Tais processos afetariam, nesse caso muito importante no entendimento do efeito de sentido, a própria materialização do corpo – tanto através de cirurgias, como também em alterações hormonais. O ato performativo não seria um ato singular e faz da performatividade uma forma de reiterar um conjunto de normas através da dissimulação de convenções por causa de sua aparente expressividade reflexiva do sujeito sobre si mesmo. Tem-se então, a abertura para a reflexão dos efeitos de sentidos ressaltados por Pêcheux (1995[1975]).

A “culpa por performar esses tais estereótipos ditos femininos pela sociedade”, retomando a SD1, é entendida nesse trabalho como um ato performativo nas concepções de Butler, mas também como uma interpelação ideológica ao sujeito se definir e se comportar. O seu dizer é entendido, a partir dos pressupostos teóricos em questão, como fazendo parte

tanto do jogo de significações, como também alimentando uma tendência geral capaz de reiterar mudanças nas práticas sociais.

A partir de tais premissas, é possível compreender mais diretamente como o processo teórico é tratado como um processo discursivo, capaz de afetar e constituir sujeitos ditos por tais conceitos teóricos/discursivos até mesmo por parte desses conceitos instituírem normas médica, psiquiátrica e social. Para fazer a teoria, é necessário se inserir na língua. Portanto, ao fazer teoria, faz-se discurso.

Ressalta-se, a partir dessas observações acima, que a construção do entendimento sobre o gênero e sobre o performativo é também um discurso. A língua, segundo Orlandi (2012), compreende uma *forma material* por ser ela mesma submetida ao processo histórico de significação. Essa forma, então, que a língua adquire nos processos históricos se conjuga com a forma dada aos sentidos pela mesma língua, sendo a definição do ser uma dessas formas de sentido que ganha corpo nas formulações linguísticas. Tal sentido, que ganha corpo no enunciado, se materializa por fazer parte tanto da dialética histórica como por afetar os corpos dos sujeitos.

A cada uso das estruturas linguísticas, o sujeito se insere num jogo de sentidos para tentar dar conta daquilo que ele propõe significar em seu discurso. Desta forma, o sujeito se submete às certezas dos sentidos em circulação nos discursos que o constitui. A língua, por mais que seja um sistema que fornece a base do discurso, é também a base para contradizer o próprio discurso, permitindo o equívoco e rupturas. A língua, então, “é um sistema que não pode ser fechado” (PÊCHEUX & GADET, 2004[1981], p. 63). Até porque, nas ideias de Pêcheux, sistema se opõe a história (PÊCHEUX, 1995[1975]). O explicável se opõe ao inexplicável.

Nesse caso, a noção de “corpo generificado” e “performatividade”, próprios do discurso teórico sobre o gênero, entram em questão. O corpo das trans não só deve ser performativizado no mundo feminino para ser mulher, como também a sua consideração de gênero deve estar alinhada com a normatividade dicotômica entre o homem e a mulher.

Um ponto a ressaltar sobre as definições epistemológicas do performativo e da teoria do discurso seria a própria argumentação nesse artigo, ela mesma um discurso. A teoria do discurso não pressupõe uma definição, mas o jogo de sentidos. Enquanto que a teoria do gênero e a noção de performatividade pressupõe uma compreensão dos processos ontológicos do ser e do sexo nas relações sociais, principalmente levando em consideração um discurso endereçado às identidades e aos movimentos políticos (feministas).

A desconstrução de identidade não é desconstrução de políticas; ao contrário, ela estabelece como político os termos pelos quais a identidade é articulada. Esse tipo de crítica traz a questão do quadro fundacional no qual o feminismo como uma política de identidade tem sido articulado⁶ (BUTLER, 1990, p. 148).

Para a teoria do discurso de Pêcheux e Orlandi, a própria significação do performativo já é um efeito de sentido marcado por posições ideológicas das evidências e afetados pelas marcas inconscientes que furam tais evidências... performáticas.

O sujeito ideológico se desdobra em um sujeito singular, tomado na evidência empírica de sua identidade (“este sou eu!”) e de seu lugar (“é verdade, eu estou aqui, trabalhador, patrão, soldado!”) e num Sujeito universal, Grande Sujeito que, sob a forma de Deus, ou da Justiça, ou da Moral, ou do Saber etc., veicula a evidência de que “é assim”, sempre e em toda parte, e que é mesmo assim (PÉCHEUX, 2015[1984], p. 7, grifos nosso).

Considerando as passagens sintagmáticas dos exemplos de Pêcheux para as possíveis afirmações performáticas do gênero, teríamos: “este sou eu”, “é verdade, eu sou uma mulher”, “Estou aqui, gay, trans”. Um corpo que fala, que se crê. É o corpo, nesse caso, materializado discursivamente a partir dos sentidos da própria noção de performatividade. Por isso não se trata do ser, mas da constituição do sujeito no discurso, escapando do debate filosófico do construcionismo que reduz as relações sociais à linguagem para a definição de um ser.

Nesse caso, sem reduzir o mundo à linguagem, a Análise do Discurso demonstra como esses efeitos de sentidos afetam a materialidade do mundo, não de forma pré-determinada e reduzida à língua, mas passando por seus equívocos associados à própria incapacidade da língua de definir os corpos e suas ontologias por conta de ser ela mesma afetada pelos processos materialistas semânticos/discursivos. Esse trabalho se distancia da visão construcionista exatamente por isso, pois a língua não consegue fixar uma noção de gênero. Ou seja, escapa da própria língua aquilo que seria a construção social para determinar o gênero. Portanto, reitera-se a importância da teoria do discurso na reflexão da teoria do gênero, pois para se fazer uma teoria sobre algo ou de alguém (numa busca para a definição de um ser), é necessário usar a língua e, para tal, isso é feito em meio a um processo

⁶ The deconstruction of identity is not the deconstruction of politics; rather, it establishes as political the very terms through which identity is articulated. This kind of critique brings into question the foundationalist frame in which feminism as an identity politics has been articulated. (BUTLER, 1990, p. 148)

discursivo. Nesse caso, esse processo não deixa de estar inserido num amplo jogo de significações multidisciplinar.

Sendo assim, a relação do indivíduo com o seu sistema social na afirmação de identidade tem como base o processo de discursivização da transexualidade, seja através do discurso político que afirma sua identidade, seja através do discurso teórico que afeta a afirmação da sua identidade no discurso político. Para seguir com a análise proposta, leva-se em consideração: a atuação política dos Movimentos Sociais que militam pelos direitos dos gays; a questão teórica do discurso com suas implicações sobre a subjetivação dessa militância; e a contemplação da contradição como fator condicional de mudanças de valores e de mentalidade. Tem-se, então, o exemplo da constituição do sujeito que resiste e se submete a uma norma.

3 RESISTÊNCIA E SUBMISSÃO

O sujeito, de acordo com o que foi discutido, se faz no discurso. A trans, no seu enunciado sobre o questionamento da sua performatividade no feminino, discursiviza o imaginário político, médico, psicanalista e filosófico. Tem-se, então, o ponto onde a teoria e o discurso afetam os consensos e são expostos nos enunciados daqueles que são marcados pela temática do gênero e da sexualidade. Dentro das certezas, a SD2 permite a análise acerca da violência da negação da existência do ser e a resposta a essa violência pela não aceitação dessa condição de exclusão. Ao ter sua condição de mulher negada pelo discurso militante identificado como feminismo radical, o sujeito respondeu a tal negação:

SD2: Hoje ao ir na avenida, resolvi cortar caminho e do nada me aparece um carro preto em alta velocidade lotado de jovens – homens gritando para tentar me diminuir “Ó o Travecão” e todos caíam na risada. Como se por ser travesti/mulher trans eu não soubesse o que eu realmente sou, ou não me gostasse por esse mesmo motivo, ou que pior, estivesse tentando “enganar” alguém “fingindo” ser uma mulher cis. Claro que me trataram de forma pejorativa e com chacota, afinal, delicioso e saboroso rir da cara da travesti para toda essa sociedade no geral. Mas... isso tudo é o tal “privilégio” que eu tive né? Da tal “socialização masculina”, olha que delícia? Sou tão “macho” que sou tratada como ser inferior perante os outros Machos Enunciado recortado do perfil de uma militante trans na sua rede social facebook em 13/05/2017, grifos nosso).

Sua posição é de resistência a um saber que determina sua condição ontológica masculina. Ela nasceu homem, e não teria passado pelas mesmas violências que passam as

mulheres que nasceram mulheres. Nesse caso, a ideia de pertencer a um grupo, no objetivo da palavra ou conceito dar conta de uma totalidade: mulher, identificadas mulher no nascimento, como se todas as mulheres significassem de forma semelhantes seus traumas e violências.

Na SD2, a trans expõe sua condição: ela não seria macho, mas seria enquadrada como tal perante a ideia da totalidade, quando são feitas as referências às mulheres identificadas mulheres ao nascer. Tem-se, no recorte em questão, a repercussão de duas posições de militância política: a afirmação da transexualidade e a militância conhecida como feminismo radical, que recusa a noção de mulher para as trans. Os significantes transpassam a constituição do ser: traveco, macho, cis, trans.

O enquadramento e a afirmação interpelam o sujeito a uma posição e a uma tentativa de se auto definir. Nesse jogo de posições, pois não se pode esquecer o outro lado que nega as afirmações identitárias de gênero das trans, estão os efeitos de sentidos e equívocos alimentados pela própria repercussão do conhecimento teórico.

As bases das certezas podem ser teórica, filosófica e médica. Estipulando o que seria mulher ou definindo as condições para ser uma transexual. Nesse mesmo perfil da rede social, uma outra publicação exponencia como as certezas teóricas afetam a possibilidade de realização de direitos de existir e de se proteger das violências:

SD3: duas correntes dividirão bons argumentos sobre a possibilidade, ou não, do transexual figurar como vítima do crime de feminicídio. A primeira posição, de cunho conservadora, menciona, categoricamente, que o transexual não é mulher, apesar de transmudar fisicamente seu órgão genital, razão pela qual, não poderia estar abarcado pela proteção especial da Lei nº 13.104/2015. De acordo com Victor Eduardo Rios Gonçalves, ‘somente mulheres podem ser sujeito passivo de feminicídio.’ (...) A segunda corrente, com tendência mais moderna, defende que se o transexual tiver feito a cirurgia de mudança de sexo de forma definitiva e a retificação de seu registro civil, deve ter o tratamento dispensado de acordo com a sua nova característica física, vez que a psicológica já o colocava nessa posição (Enunciado recortado do perfil de uma militante trans na sua rede social *facebook* em 10/05/2017, grifos nosso)⁷.

⁷ A postagem é um recorte e colagem de uma busca dela efetuada para responder sobre a questão da lei do feminicídio. Disponível em: <<https://delegadowanderley.jusbrasil.com.br/artigos/378934999/transexual-pode-ser-vitima-de-feminicidio>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

Mesmo apontando uma possível flexibilização do conceito de mulher na posição enquadrada como moderna na SD3, ainda assim condiciona a trans a uma situação cirúrgica e afetação do corpo. Dado como certeza, a ideia de que a trans precisa se mutilar para se tornar o gênero pretendido afeta os imaginários tanto da produção discursiva teórica como também dos próprios sujeitos constituídos nessa disputa de sentidos.

Ao rebater a postagem de uma trans que disse não querer ser operada, um sujeito constituído na posição ideológica desejanste de se operar estipula suas certezas com base no imaginário sobre o movimento LGBT⁸ e sobre a autoridade institucional da Organização Mundial da Saúde em definir o que seria o transexual:

SD4: Operamos para nós mesmas, e porque entendemos que uma mulher sem vagina simplesmente não existe ou é uma mulher incompleta. Até acredito que possa haver pessoas equivocadas que se operam sem ter passado por um acompanhamento esrm (sic) diagnóstico feito de maneira sério que ateste que a pessoa possui disforia de gênero. (...) Esse conceito de mulher de pênis é um conceito que os LGBTs querem empurrar goela abaixo e desta maneira colocar as pessoas todas no mesmo balaio. O que eu estou a falar não é apenas opinião, esta diferença está descrita na OMS (organização mundial da saúde) e faz distinção clara entre a mulher que nasce no corpo errado e precisa de cirurgia, ou ela é uma mulher! e a trans/travesti que tem uma identidade feminina, mas essa identidade feminina é apenas pelo aspecto físico da mulher (Enunciado recortado do perfil de uma militante trans na sua rede social *facebook* em 21/06/2017, grifos nosso).

A certeza em uma afirmação é usualmente materializada na forma sintática: X é Y. No caso, a afirmação “Ela é uma mulher incompleta”. Ponto final. Sem dilemas, sem dúvidas. A certeza! Assunto resolvido, a afirmação que se baseia na negação de outra afirmação: “eu sou uma mulher”. Também outra certeza, baseado em formas de se identificar. O problema disso é a legitimação de certezas que são construídas com base em discursos pré-existentes, sejam eles médicos, sejam eles políticos, sejam eles filosóficos, para enfatizar a nulidade de qualquer outro imaginário, identidade ou até mesmo outra certeza baseada em outros efeitos de sentido.

O ponto da violência não está na reflexão do que seria a mulher, mas na negação de uma condição do ser. No caso, esse enunciado foi um resposta a uma outra trans que se afirma mulher, mas que não quer passar pela cirurgia de retirada do órgão genital masculino.

⁸ Alusão ao movimento político que reivindica direitos para a população homossexual, transexual e intersexual: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros, Travestis e Intersexuais.

As certezas são sempre perigosas, até mesmo porque nem mesmo o discurso médico ou científico demonstra condições de definir o que seria o transexual. As certezas são quebradas nos equívocos, nas demonstrações do não convencional, naquilo que a certeza simplesmente não consegue dar conta na sua descrição. São certezas teóricas e médicas que fundamentam outras certezas, sempre sujeitas ao equívoco, baseadas numa posição ideológica marcada pela negação do ser trans, e também baseadas no inconsciente da significação daquilo que se quer rejeitar (a norma). O equívoco observado na certeza sobre a hormonização é outro exemplo do que se quer dizer de resistência e submissão.

SD5: A medicina avançou demais na hormonização das pessoas nascidas com pênis (Enunciado recortado do perfil de uma militante trans na sua rede social *facebook* em 16/05/2017).

SD6: A medicina avançou demais na hormonização das mulheres trans e travestis? Mas minha fia (sic), as mulheres trans se hormonizam com anticoncepcional desenvolvido para mulheres cis, medicamentos q (sic) nem foram desenvolvidos pensando no corpo das trans (Enunciado recortado do perfil de uma militante trans na sua rede social *facebook* em 16/05/2017).

Esse recorte se configurou como um diálogo. Foram as bases discursivas que motivaram a enunciação do primeiro recorte analisado nesse artigo que será reproduzido logo a seguir. A questão da hormonização também constrói certezas e são fundamentadas muitas vezes em pressupostos médicos e filosóficos sobre a definição do ser mulher. Além da questão da cirurgia de retirada dos órgãos genitais, a hormonização se alia tanto na questão médica da produção dos hormônios e sua prescrição, como também na noção teórica do performativo do gênero. Sem esquecer que a transformação do corpo já significa em si uma resistência ao enquadramento numa norma binária de gênero.

A opção por ingerir hormônios é uma forma de se performativizar no gênero desejado, alterando violentamente o corpo em questão. Uma marca material no corpo tão significativa como a cirurgia de retirada do órgão genital que pode ser lido também como uma forma de mutilação. A questão, retomada desde o início desse artigo, é a resistência às certezas, que equivocam o sujeito e negam seu estatuto do ser, atrelada também às submissões de uma norma que enquadra o sujeito a se performativizar como tal mesmo num posicionamento de resistência a essa mesma norma.

A trans que se recusa a operar, também é a trans que se hormoniza, muitas vezes sem recomendação médica. Hormônios esses que no equívoco do sujeito que procurou negar o

direito das trans, tratou a produção dos hormônios como direcionado ao corpo designado como masculino. Observa-se, com isso, que a hormonização das trans ocorre pela submissão à norma do gênero feminino, em que a trans, ainda no corpo masculino, deve se submeter a uma transformação hormonal que não foi baseada na sua condição de transexualidade.

SD7: Certos tipos de ativismos cis vivem acusando, humilhando, apontando e deslegitimando mulheres trans o tempo inteiro, como se tivéssemos culpa por performar esses tais estereótipos ditos femininos pela sociedade (Enunciado recortado do perfil de uma militante trans na sua rede social *facebook* em 05/03/2017).

A retomada do enunciado em questão serve para se ensaiar um fechamento dessa reflexão. No limite das produções teóricas, é enfatizada a proposta de não mais pensar nas definições, e sim nas descrições da pluralidade possível das performances.

Até que ponto o uso de hormônios e cirurgias devem ser considerados como bases para definição do gênero? A constituição do sujeito na afirmação do seu gênero já está posta na sua posição de fala, numa conjuntura que mistura pressupostos teóricos, militância política e afetações inconscientes. A afirmação do ser não é para ser considerada como definitiva, pois não há meios de homogeneizar essas definições sem cair na violência de negar ao outro sua suposta condição de existência.

A busca pela afirmação de ser mulher por uma trans não necessariamente é uma meta, nem uma condição para sua delimitação de ser. A materialização da SD7 demonstra o sentido da imposição dos gêneros serem vistos como pautados no masculino e no feminino, mesmo que a trans queira performar o feminino. Isso não quer dizer que se deva negar a possibilidade da performatividade do gênero feminino em corpos nascidos masculinos, mas que essa performatividade vai muito além do enquadramento a uma dicotomia de gênero para demonstrar o quanto o sujeito se afirma. Não se pode esquecer que essa afirmação necessita lidar com os limites das significações de significantes que circulam no processo de construção do seu dizer.

Percebe-se, nas análises desses enunciados, os efeitos de sentidos envolvendo a noção da performatividade do feminino e os dilemas de uma transexual em sua afirmação identitária de gênero.

Entre a norma do feminino e a resistência a essa norma, o sujeito trans encontra disponível as certezas de significações teóricas, a conjuntura de uma militância política e as afetações inconscientes que deslizam os significantes envolvendo a temática na qual ele se

insere e se constitui: masculino, feminino, cis, trans, ser, não ser... Desta forma, os efeitos, equívocos e disputas foram expostos e analisados nesse jogo de significações.

4 EFEITOS DE CONCLUSÃO

O dilema da afirmação de uma identidade de gênero pressupõe a performance de um quadro pré-definido no qual essa identidade irá se pautar. Mesmo que seja para transformar esse quadro, a discursividade predominante que legitima um imaginário padronizado impõe uma comparação, um ponto de referência para uma auto definição. Além disso, as militâncias políticas (e discursivas) contrárias à afirmação dessa identidade impõe uma marca no sujeito que procura se afirmar. Essa marca se efetiva através da interpelação que o argumento contrário faz ao sujeito, forçando uma posição ideológica e suas afetações inconscientes inseridas nos significantes que rodeiam suas opções de se representar pela linguagem.

Ao se expressar, o sujeito se constitui, e se deixa representar por discursos já existentes envolvendo tanto um imaginário político de lutar por direitos civis como também por um imaginário proporcionado por discursos teóricos que alimentam a construção dos sentidos envolvendo sua capacidade de se auto definir. Nesse ínterim, há a mescla do político e do teórico, alimentando a materialização de suas posições em enunciações que circulam saberes e sentidos já postos. O cis, o hormônio, a definição de mulher, a performatividade e tantas outras palavras disponíveis nessa cadeia de representação são significantes que alimentam as posições ideológicas através de certezas e também através de afetações inconscientes a partir dos deslizamentos das significações possíveis desses significantes.

Ao permitir e alimentar o deslizamento dos sentidos, a trans cumpre seu papel de resistência, permitindo a existência de um material performático, tanto discursivo como corporal, para possibilitar melhores meios de reflexão teórica e representação política. Quanto maior a discursividade desses sujeitos, mais a teoria se adapta aos novos sentidos em questão e mais a militância política procura flexibilizar os imaginários cristalizados sobre o gênero que condicionam tanto a obtenção de direitos civis como também a formalização de leis de proteção. Um caminho que não se fecha, uma identidade que se transfigura, desliza e se equivoca. Resiste e se submete ao padrão, ao mesmo tempo em que o transforma. Uma constituição que expõe as bordas, as brechas das tentativas de definir o ser e também expõe os limites do poder de representação das palavras em formas de significantes.

Por conta desses limites, o corpo da *trans* ‘trans’ita entre a resistência e a submissão. Alterando ela mesma os paradigmas teóricos e os limites das militâncias políticas ao expressar a diversidade inerente das constituições dos sujeitos em seus processos discursivos.

Figura 1 – Postagens selecionadas que originaram as Sequências Discursivas

Fonte: organizado pelo pesquisador



Fonte: Arquivo dos autores

5 REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **Le deuxième sexe**. Paris: Gallimard, 1949.

BALDINI, Lauro. Como desconstruir o que não se constrói? Quando o gênero faz questão. In: SOARES, Alexandre & GARCIA, Dantiele. **Inquietações de gêneros e sexualidades: leituras na contemporaneidade**. Porto Alegre: Unioeste, Evangraf, 2017.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: 1 Vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999[1976].

GOHN, Maria. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

GUIMARÃES, Frederico S. **Sujeitos no suposto do ser, do ter e do amar: uma história dos efeitos de sentidos no discurso por direitos dos homossexuais e transexuais**. 231f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). UFF, Instituto de Letras, 2018.

HENRY, Paul. Fundamentos teóricos da “análise automática do discurso”. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 4ª. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2010[1969].

INDURSKY, Freda. *A memória na cena do discurso*. In: **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas, Mercado das letras, 2011.

LACAN, Jacques. **O seminário: livro 3: as psicoses**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MARIANI, Bethanis; MAGALHÃES, Belmira. Lacan. In: OLIVERIA, Luciano. **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola editorial, 2013.

ORLANDI, Eni. Segmentar ou recortar. In: *Linguagem e história: a questão dos sentidos*. **V Encontro Nacional de Linguística**, PUC-RJ, 1981.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni. Do sujeito na história e no simbólico. In: ORLANDI, Eni. **Discurso e texto: Formulação e circulação dos sentidos**. Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Pontes Editores: Campinas, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma Análise Automática do Discurso**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 4ª. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2010[1969].

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística**. Campinas: Pontes, 2004[1981].

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Ed. Unicamp, 1995[1975].

PÊCHEUX, Michel. Ousar pensar, ousar se revoltar: Ideologia, marxismo e luta de classes. In: **Décalages**. Volume 1. 2015[1984].

Title

Between resistance and submission to the norms: the discourse of and about the transgender.

Abstract

This work proposes to reflect on the effects of meanings, understood as discourses, that constitute the subjects in their dilemmas of identity affirmations. These dilemmas are related to gender issues when the violence of others denies their condition of existence. The objective is to reflect on the functioning of the senses in the discourses that constitute the subjects that are defined on the basis of a paradigm of subversion and submission, from the imaginaries of the cisgenders on the transgenders that affect the constitution of the transgender as Subjects. From this objective, a proposal is developed to think the theory as a discourse and how its conceptual constructions relate to the performative practices of the Subjects in a process of resistance and submission to the social norms of predominant genres. With the theoretical contribution of the Discourse Analysis initially developed by Michel Pêcheux in France and by Eni Orlandi in Brazil, the article analyzes the discourse of selected discussions in the social media facebook. The analysis allows the understanding of discursive positioning of a transsexual profile in this scheme of resistance to a norm at the same time that it is submitted to this norm in the very operation of the effects of senses that constitute the subjects.

Keywords

Gender Theory; Discourse Analysis; Imaginary; The Subjects.

Recebido em: 31/10/2018.

Aceito em: 16/11/2018.